

QUEM PODE DEFINIR OS CRITÉRIOS DE ORIGINAL E DE CÓPIA?: SOBRE SER MULHER NOS DEBATES ENTRE FEMINISTAS RADICAIS E TRANSFEMINISTAS EM 2012

ÍZIS MORAIS LOPES¹

INTRODUÇÃO

Meu nome é Michelle e eu sou o que seria chamado de mulher trans. Quer dizer, sim, eu preferia ter nascido numa posição de ser chamada de mulher de verdade mas não se tem tudo o que se quer nessa vida. Quer dizer: somente metade do planeta tem o que eu gostaria na vida. (Michelle, vídeo, 2013², tradução minha)³.

No dia 23 de fevereiro de 2013, Michelle postou em seu canal do *YouTube*, um depoimento. Ao longo do vídeo, ela pergunta por que as *feministas radicais não estão se dando tão bem quanto deveriam* com as mulheres trans⁴ (as palavras exatas são: *we*

1 Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. E-mail: izis.mlopes@gmail.com

2 O vídeo pode ser visto aqui: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Vly5Mf1l9zI>.

3 Todas as falas estavam em inglês e podem ser conferidas, na língua original, nos blogs e fóruns descritos ao longo do texto.

4 O termo trans* “pode ser a abreviação de várias palavras que expressam diferentes identidades, como transexual ou transgênero, ou até mesmo travesti. Por isso, para evitar classificações que correm o risco de serem excludentes, o asterisco é adicionado ao final da palavra transformando o termo trans em um termo guarda-chuva [umbrella term] – um termo englobador que estaria incluindo qualquer identidade trans ‘embaixo do guarda-chuva’. Daí a ideia do guarda-chuva.” Para ver mais, acesse: <http://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>. O site foi recomendado pela Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus, ativista dos direitos de pessoas trans

haven't been getting on as well as we should have been). Sua fala está inserida em um debate – às vezes respeitoso, outras nem tanto – iniciado em meados de 2012 entre mulheres *cisgênero* e mulheres *transgênero* na Inglaterra.

Esses conceitos são fluidos e não consensuais. De modo geral, eles podem ser compreendidos se balizados pelas seguintes considerações.

Chamamos de *cisgênero*, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Como já foi comentado anteriormente, nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero. Denominamos as pessoas não *cisgênero*, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como *transgênero* ou *trans*. (...). Há quem se considere *transgênero*, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros a antiga denominação “andróginos”, ou reutilizam a palavra *transgênero* (JESUS, 2012, 10).

Algumas mulheres não parecem compactuar com esta categorização, especialmente porque são alocadas na categoria *cisgênero*. As feministas radicais com as quais Michelle procurava dialogar, por exemplo, se afirmam contrárias aos papéis de gênero, pois estes seriam danosos às mulheres. Esse é um dos pontos que distanciam o feminismo radical de feminismos *trans**. Para as radicais, a luta das pessoas *transgênero* reforçaria distinções entre feminilidade e masculinidade. Como consequência, haveria reforço da opressão de mulheres (*females*).

Feminismo radical toca no coração da opressão feminina por nomear que a dominação e a violência masculina são responsáveis pela subordinação de mulheres. As feministas radicais acreditam que papéis de gênero sejam danosos às mulheres. Nós procuramos liberdade da “feminilidade” e da “masculinidade”. Gênero existe somente para

no Brasil, e autora do Guia Técnico sobre Pessoas Transexuais, Travestis e demais Transgêneros para Formadores de Opinião. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_G%C3%8ANERO__CONCEITOS_E_TERMOS_-_2%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf?1355331649>. Acesso em: 10 de julho de 2013.

benefício dos homens, como classe, às custas de mulheres, como classe (Múltiplas autoras, Descrição do Evento RadFem 2012 no Facebook)⁵.

Embora essa definição seja *nativa*, não está distante das definições acadêmicas do que seria feminismo radical. De acordo com Adriana Piscitelli (2002), essa corrente de pensamento feminista se caracteriza por localizar na reprodução humana a causa das desigualdades entre homens e mulheres. As mulheres seriam as únicas capazes de gerar bebês e a dependência destes é tão longa que traria desvantagens sociais às mulheres. Assim, estas só seriam capazes de se libertar ao tomarem controle total dos processos reprodutivos. Os conceitos de sexo e corpo que podem gerar e parir crianças são essenciais para acompanhar o debate que se segue.

Em maio de 2012, foi anunciada uma conferência feminista chamada RadFem 2012, agendada para ocorrer no mês de julho. De acordo com o jornal britânico *The Guardian*, o anúncio continha a informação de que o evento era “restrito para mulheres nascidas mulheres e vivendo como mulheres”⁶. Em seguida, a notícia afirma que, “originalmente, dizia [que o evento seria restrito às] ‘mulheres biológicas’, mas isso foi mudado depois de muita chacota [mockery]”.

O website do RadFem2012 foi retirado do ar e, ao que tudo indica, a própria conferência não aconteceu. O local em que se daria a reunião decidiu que não poderia sediá-la, “porque não se conforma aos nossos termos e condições para aluguel de espaços no Conway Hall. Em adição, não temos certeza se [o evento] está

5 Esta não é uma descrição acadêmica. Reproduzo o que as feministas radicais do blog <<https://gendertrender.wordpress.com>> e as organizadoras da conferência RadFem 2013 escreveram sobre si mesmas: <https://www.facebook.com/RadFemUK/>. A página do evento pode ser visualizada no endereço eletrônico: <<http://www.facebook.com/events/208374975965827/>>. A descrição também pode ser encontrada em: <<https://feministuk.wordpress.com/2013/06/19/radfem-2013-we-didnt-kill-any-men/comment-page-1/>>. Acesso em: 10 de julho de 2013.

6 Ver coluna de Roz Kaveney, disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2012/may/25/radical-feminism-trans-radfem2012>>.

em conformidade com o Equality Act (2010)⁷ (Suzan, escritora do blog Woman Born Transsexual, 2012) A administração do espaço parece ter se referido ao capítulo 3 do *Ato da igualdade*, que legisla sobre igualdade entre os sexos e sobre o combate à discriminação na Inglaterra⁸.

Esta não foi a única acusação de ilegalidade recebida pelas organizadoras do colóquio. Em fóruns, *sites* e jornais *online*, foram citados artigos do *Gender Recognition Act*, outra lei inglesa, datada de 2004. O argumento é de que a separação entre mulheres de diferentes *tipos* seria ilegal porque, na Inglaterra,

[o]nde um reconhecimento integral de gênero é garantido a uma pessoa, o gênero da pessoa se torna, para todos os propósitos, o seu gênero adquirido. Então, se o gênero adquirido é masculino, o sexo da pessoa se torna de um homem, se é gênero feminino, o sexo da pessoa se torna o de uma mulher (UNITED KINGDOM, 2004, p. 05)⁹.

O reconhecimento legal de pertencimento total a um gênero vivido, não informado pela biologia se constituiu como um dos fundamentos para questionar a conferência nos termos como foi proposta. Entretanto, isso não significa que as organizadoras da reunião mudaram de opinião e, muito menos, que desistiram de realizar um evento nesses moldes. Ao contrário, está marcada para o dia 8 de junho de 2013 a RadFem2013: Resurgence of Women's Liberation.

Para além da esfera jurídica, fechar o evento para *mulheres nascidas mulheres e que assim vivem* gerou comoção entre pensadoras e ativistas pelos direitos de mulheres e, especialmente, entre pessoas trans*, auto-intituladas feministas ou não. A repercussão dessa exclusão parece ser internacional e feministas de muitos lugares têm-se engajado no debate sobre a legitimidade ou ilegitimidade desse tipo de recorte.

7 O anúncio foi divulgado em <<http://womenborntranssexual.com/2012/06/02/conway-hall-says-no-to-radfem-2012-hate-fest/>>.

8 Para mais informações: <<http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2010/15/contents>>.

9 Ver em: <http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2004/7/pdfs/ukpga_20040007_en.pdf>.

A grande mídia cobriu várias partes do que estava em jogo, mas é no espaço não tradicional dos *posts* e comentários em *blogs*, das postagens e compartilhamentos no Facebook e dos *tweets* que a polêmica parece ter sido criada ou exacerbada. Pessoas a favor e contrárias à separação desse espaço (nesses moldes) têm-se manifestado e as discussões podem ser acompanhadas no dia a dia via *blogs* e contas em redes sociais. Esses locais virtuais de interação têm uma característica interessante: não são fóruns fechados e as contas individuais não são privadas. Ou seja, qualquer pessoa pode *seguir* outra, ver os vídeos, ler e comentar as postagens. As informações são públicas e facilmente acessíveis, com exceção de alguns perfis protegidos nas redes sociais – que moderam seus seguidores, por exemplo.

Metodologicamente, ressalta-se que este texto tem como material de análise alguns dos discursos – vídeos, postagens e comentários – disponíveis acerca das disputas entre feministas radicais e transfeministas em três locais virtuais: o *blog* feminista radical chamado *GenderTrender*; o *blog* simpatizante do transfeminismo *The F Word*; e algumas colunas e artigos publicados nas páginas *online* no jornal *The Guardian*.

Escolhas distintas poderiam ter sido feitas: por outros veículos de comunicação ou por outros *blogs*. Entretanto, privilegiei grandes *sites* que, ao mesmo tempo, pudessem mostrar a riqueza e a diversidade de questões que formam o problema. *The F Word*, por exemplo, é uma revista virtual e o *blog* é só uma parte da publicação. Foram selecionados *posts* datados entre 18 de maio e 2 de junho de 2012 e seus respectivos comentários. Duas colunas jornalísticas posteriores, publicadas em janeiro de 2013, foram selecionadas com objetivo de tentar identificar as continuidades de uma discussão que poderia ter sido temporária e localizada¹⁰.

10 Os endereços eletrônicos são: <<http://gendertrender.wordpress.com>>; <<http://www.thefword.org.uk/blog/>>; <<http://observer.guardian.co.uk>> e <<http://www.guardian.co.uk>>.

Como recurso ético, tentarei ao máximo manter o anonimato das pessoas cujas falas forem destacadas, apresentadas de modo mais detido. Impossível fazer isso com as autoras dos materiais audiovisuais, dos *posts* e das notícias, afinal, elas se colocaram na internet manifestando publicamente suas opiniões e filiações. As pessoas que participam dos fóruns não necessariamente compartilham dessa vontade: muitas criam perfis falsos e outras pedem para que colegas comentem por meio de suas contas, pois não é possível comentar anonimamente (os *blogs* são moderados para que, supostamente, frases ofensivas não cheguem até o público, o que também é passível de análise). Ainda, é preciso apontar que nem tudo o que foi escrito nos *blogs* e falado nos vídeos é assinado com o nome civil de suas autoras, o que aumenta as chances de anonimato.

O objetivo central deste artigo é compreender como os debates sobre sexo(s) e gênero(s) estão se estruturando depois dos avanços, ganhos e retrocessos que os fenômenos trans* trouxeram para teorias e experiências de uma vida generificada. Ou seja, que não é vivida sem um pertencimento que pode ser considerado corporal, mental, identitário, sexual, emocional, afetivo, científico, de acordo com a camada (*layer*) acionada (GOFFMAN, 1986)¹¹. A proposta do texto é acompanhar como sexo e gênero são (relatualizados no cotidiano das interações depois de cerca de um século de história feminista acadêmica.

Para isso, proponho discutir sobre dois nós centrais no embate entre feministas radicais e transgêneros. O primeiro: o que estava sendo pensado sobre um espaço exclusivamente feminino e qual a importância deste, inclusive para equalizar relações sociais pautadas na hierarquia entre homens e mulheres. O segundo: como foi manejada a ideia de sexo biológico como definidor de quem pode e quem não pode participar desses espaços. Esses dois problemas parecem estar diretamente unidos pela tentativa de classificar quem pode pertencer a um espaço

11 Uso a palavra camada (e não lâmina, por exemplo) para significar que os sistemas de sexo/gênero podem ser operados tanto por meio de recortes em partes singulares, quanto como um conjunto mais amplo de significação (similar à ideia de frame).

ou outro, quem é verdadeiramente mulher (original), quem é, quem não é e por quais natureza e socialidade essas pessoas estão clamando.

A DEMANDA POR ESPAÇOS EXCLUSIVOS (OU O QUE SE DIZ SOBRE BIOLOGIA, SEXO, CORPO E AUTENTICIDADE)

Um dos problemas que eu acredito que a comunidade *queer* tenha é que não existem espaços para falar aberta e honestamente sobre a opressão que é específica contra mulheres *fêmeas* (*females*). E isso acontece porque existe uma discussão na comunidade *queer* em torno de mulheres que sempre pressiona pela inclusão de mulheres trans na discussão sem reconhecer nossas diferenças e como somos oprimidas. O movimento *queer* é muito, muito centrado nos homens (*male*). Muitas pessoas se pegam tão em paz com gênero e com as identidades de gênero das pessoas que não têm consciência de que o sexo biológico tem papel enorme quando falamos sobre opressão. Eu aceito mulheres trans como mulheres, eu não acredito que sejam *fêmeas* (Vídeo postado por *GataAgressiva411*, 2012).

A fala acima faz parte de um vídeo postado no *YouTube*, gravado por uma feminista estadunidense¹². Ao longo do vídeo, ela tenta explicar quais são as opressões específicas sofridas por *mulheres nascidas mulheres* (*females*), quais são experimentadas por mulheres trans* e quais atingem ambas. Embora esta ativista diga acreditar que mulheres trans são, de fato, mulheres, simultaneamente há um apelo para que locais específicos de *fêmeas* discutam coisas de *fêmeas*, separado dos espaços por ela entendidos como *queer*¹³.

É colocado em pauta que não basta uma auto-identificação como mulher (ou homem) e não é suficiente fazer tal afirmativa ou mesmo iniciar uma transição entre gêneros por meio de processos técnicos e tecnológicos (hormônios, cirurgias, depilações

12 O vídeo pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=LMTpFHHwpF0>. Acesso em: 09 jan. 2013.

13 Como explica rapidamente Pedro P. Gomes Pereira (2006, p. 469), as teorias queer se referem à utilização de “repertório comum de autores, a luta contra a heterossexualidade compulsória, a posição contrária a binarismos fáceis, entre outros”. Para ele, a ideia é de transgressão, de distorção e de estranhamento da ordem sexual vigente.

etc.). Para esta feminista, o sexo importa e este não é socialmente construído – ele é real, palpável, um dado com o qual as mulheres viverão independentemente de seus gêneros, suas identidades, seus orgulhos.

O feminismo é um caldo efervescente de ideias, ações políticas e valores morais misturados e nem sempre coerentes. Como princípio básico, pode-se dizer que tem lutas políticas e produções teóricas fundidas para a tentativa de acabar com as desigualdades entre o feminino e o masculino no acesso aos bens sociais. Nesse sentido, a distinção entre sexo e gênero foi fundamental para dizer que mulheres não deveriam estar fadadas à reproduzir aquilo que se dizia da natureza (ou da tradição). Sexo passou a ser debatido como da esfera do natural, um dado com o qual nós nasceríamos, e gênero aquilo que construiríamos socialmente.

Como apontou Joan Scott, gênero é um conceito gordo porque pode englobar quase tudo: “ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais”. Para a autora, as feministas usaram “no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1989, p. 02). Separar sexo de gênero permitiu questionamentos ao determinismo biológico e analisar experiências distintas de homens e mulheres com base em concepções de cultura, pertencimento e divisão do trabalho.

Entretanto, a criação de dois polos tão distantes fez com que, até meados da década de 1990, “o “sexo” permanecesse na teoria feminista como aquilo que fica de fora da cultura e da história, sempre a enquadrar a diferença masculino/feminino” (NICHOLSON, 2000, p. 10). A consequência foi um feminismo que aceitou a existência de fenômenos biológicos reais que, em oposição aos apelos da natureza e dos instintos moldados pelas sociedades, informariam verdadeiramente sobre as diferenças entre homens e mulheres. Linda Nicholson (idem) teceu críticas ao uso do sistema sexo/gênero como porta-casacos (em que se jogam todas as roupas em cima do sexo). Para ela, o “fundacionalismo

biológico” serviu às feministas para casar biologia, comportamentos e personalidades, dando menos ênfase à primeira.

Em comum com o determinismo biológico, meu rótulo postula uma relação mais do que acidental entre a biologia e certos aspectos de personalidade e comportamento. Mas em contraste com o determinismo biológico, o fundacionalismo biológico permite que os dados da biologia coexistam com os aspectos de personalidade e comportamento (NICHOLSON, 2000, p. 12).

Mas foi Judith Butler (1993) a mais influente feminista contrária à corrente de pensamento que entendia sexo como natureza e gênero como cultura/social. Para ela, falar em materialidade corporal não deveria significar que as diferenças sexuais formam um *a priori* das identidades de gênero. Para Butler, sexo precisa ser entendido como uma categoria normativa, regulatória das práticas humanas, e também construtora de corpos sexuados específicos.

A relação entre cultura e natureza pressuposto por alguns modelos de construção de gênero infere uma cultura ou uma agência do mundo social que age sobre a natureza, que é ela mesma pressuposta como uma superfície passiva, fora do social e ainda assim sua contra-parte necessária (...). Quando a distinção sexo/gênero é unida à noção de construtivismo linguístico radical, o problema fica pior, pois o sexo, que é referido como anterior ao gênero será, em si mesmo, um postulado, uma construção oferecida dentro da linguagem, mas como anterior à linguagem, anterior à construção (BUTLER, 1993, p. 4-5, tradução minha).

Esta perspectiva romperia com sistemas polarizados de compreender feminino, masculino, homens, mulheres, heterossexuais e homossexuais. Ao escrever sobre a suposta continuidade sexo-gênero-sexualidade, Berenice Bento (2003) utilizou a metáfora da cirurgia de readequação genital para argumentar que todos nós que vivemos em sociedades em que o gênero é vivido de modo binário e ancorado em uma noção de biologia “já nascemos operados”. Antes do nascimento de nossos bebês, agimos, com nossas expectativas e emoções intersubjetivas, de forma a moldar corpos sexuados.

Previamente ao nascer de bebês, já lhes damos nomes, comportamentos, sentimentos, valores, modos de se colocar no mundo,

colados ao que interpretamos como um dado do natural, um sexo. Sexo, identidades de gênero e sexualidades passam a ser utilizados como se fossem contínuos em uma mesma sentença. Porém, esta linha sexo-gênero-sexualidade já é, em si, a demonstração de como o corpo é simbólico antes de ser natural.

O feminismo da década de 2000 parecia caminhar para o entendimento de que tanto sexo, como gênero só poderiam ser apreendidos dentro da equação simbólica que daria significado aos dois, simultaneamente. Parecia seguir uma trilha onde a ontologia humana, aquilo que é considerado comum a todos os seres humanos, não seria tão facilmente ancorada na divisão rígida entre dois preceitos: o que é natural (sexo) não é cultural (gênero), e vice-versa. Engano seria pensar que o desenvolvimento do feminismo seria tão linear.

Em 18 de maio de 2012, ao falar sobre o anúncio de palestrantes do RadFem 2012, a autora da postagem afirmou que “ativistas anti-mulheres [*female*] já estão se organizando contra os direitos de mulheres [*females*] fazerem uma conferência para mulheres [*females*].” Segundo a blogueira, dentre as pessoas contrárias ao lugar *female only* estariam “ativistas transgênero e ativistas pró-prostituição e pró-tráfico que afirmam que mulheres não devem se organizar e se reunir em espaços especificamente para mulheres.”¹⁴ (tradução minha).

O uso continuado de uma palavra que marca distinções biológicas para as mais variadas espécies, distinções fundamentadas em capacidades reprodutivas sexuadas, parece uma clara oposição aos referenciais delineados pelas feministas dos anos 1990-2000. Para as feministas radicais aqui apresentadas, sexo importa (*sex matters*). E importa porque existem, de acordo com elas, implicações corpóreas em pertencer a uma parcela da espécie humana que é fêmea. Um dos comentários dessa postagem contém a seguinte explicação.

14 Ver postagem e comentários em: <<http://gendertrender.wordpress.com/2012/05/18/radfem-2012-first-speakers-announced/>>.

Eu não espero que qualquer uma delas [mulheres trans], não tendo nascido com partes reprodutivas, tema uma gravidez ou a possibilidade de uma vida toda de cuidado por causa de uma criança como resultado. Ou com estupro com os devidos medos decorrentes dele. E/ou precisar de um inacessível [*unaffordable*] e possivelmente ilegal aborto e perigoso. Ou achar que os contraceptivos são caros, não confiáveis e nada saudáveis (Comentário de *genderwipesthefingerprints* à postagem RadFem 2012: First Speakers Announced, 2012, tradução minha).

Os comentários à postagem sobre as palestrantes no RadFem 2012 têm conteúdos semelhantes. De repente, o tom do debate muda porque Sarah F, auto-intitulada feminista, lésbica e pós-graduanda em *Estudos sobre Mulheres*, afirmou-se solidária à comunidade trans e estar desapontada “que um encontro feminista revele sua escolha por segregar”. Também disse estar impressionada com as respostas das feministas radicais à ideia de política para mulheres nascidas mulheres.

Eu estou tão chocada com o desrespeito e a falta de compaixão e consciência. Que ano é esse? Como mulheres conhecemos intimamente uma variedade de opressões referentes ao nosso sexo, gênero, raça, orientação sexual etc. Mas dirigir o mesmo ódio a outros? (Comentário de Sarah F à postagem RadFem 2012: First Speakers Announced, 2012, tradução minha)

Essas palavras foram o começo de uma série de comentários enfiados e rudes. A autora da postagem inicial foi a primeira a respondê-la e, com ar professoral, mudou a chave de compreensão sobre o que a Sarah falou. Parece possível dizer que a autora da réplica possui certo *status* elevado entre as frequentadoras daquele espaço virtual: ela escreve para o *blog* e é moderadora dos comentários. Ela é uma das pessoas responsáveis por selecionar quais argumentações aparecerão *online*.

Quando ouvir o TERMO feminista radical, você pode INICIALMENTE pensar que ele te descreveria. Mas um *post* em um *blog* te retirou essa noção. E você é estudante de *Women's Studies*. Se você faz pós-graduação na área, por que não sabe o que é feminismo radical? Por que reduzir o feminismo radical a um “termo que você ouviu”? Você não acha que tem uma responsabilidade ética, intelectual em saber o significado dos termos que adota para se auto-descrever? Uma pós-graduanda em *Women's Studies* não deve ter o mínimo de conhecimento sobre a história da liberdade de mulheres e sobre as várias abordagens relacionadas às teorias e às práticas libertárias? (...)

o maior problema do seu comentário, além da sua desconsideração em entender as ideias da irmã de quem você gastou um precioso tempo tentando silenciar, é sua proposta de que sob quaisquer circunstâncias, não é apropriado que fêmeas humanas reprodutoras [*reproductively female humans*] se encontrem e socializem suas experiências compartilhadas (Comentário de *GallusMag* à postagem RadFem 2012 : First Speakers Announced, 2012, grifos da autora, tradução minha).

As acusações presentes na resposta funcionam para desautorizar Sarah por meio da fabricação argumentativa de que ela: a) por suas observações, não poderia ser uma estudiosa de mulheres; b) não deveria propor algumas questões porque não teria conhecimento suficiente sobre feminismo, sobre mulheres e sobre abordagens teóricas e práticas para a liberação feminina. Nenhuma das mulheres no fórum parece possuir fatos, documentos ou informações concretas sobre as outras, o que as impediu, por exemplo, de acusar Sarah de ter mentido sobre sua trajetória educacional.

Foi argumentado que as fabricações indiretas, não importa se baseadas em evidências plantadas, construídas, ou confessadas, empoderam o fabricante para descreditar sua vítima perante os outros. (...) No dia a dia, a face social que um indivíduo apresenta aos seus vários associados permitem a eles fazer algumas suposições sobre seus valores sociais e padrões morais (...). Se se pode demonstrar que uma dessas premissas é falsa, o indivíduo pode ser visto como mantenedor de uma posição falsa (GOFFMAN, 1986, p. 108-109, tradução minha).

Diante da arguição de uma pessoa bem posicionada naquela situação específica (a autora-moderadora), sequer foi necessário provar que a comentarista teria feito falsas afirmações sobre si. Bastou insinuar que a formação universitária de Sarah F seria frágil para deslegitimá-la diante do restante das participantes do fórum. Outras mulheres seguiram atacando a crítica feita por Sarah, com o uso de recursos distintos, mas certamente deslegitimadores. Dave Squirrel, por exemplo, afirmou que a visão de mundo de Sarah era limitada pela falta de experiência de vida que, supostamente, ela deveria ter. A autoridade pela geração pintou o quadro pelo qual Sarah deveria ser interpelada.

Interagir é sempre arriscado. Mas são as interações que fazem as sociedades, a cultura, a história. E a discussão acima demonstra

que o feminismo também possui uma história, que é descontínua e depende de como as mulheres a produzem. A riqueza e a complexidade da vida em grupos faz com que as feministas debatam e ajustem seus conceitos e seus repertórios analíticos e interpretativos.

Para usar metáfora de Alfred Schutz (1979), o estoque de conhecimento à mão dos indivíduos em interação é limitado. O fluxo cotidiano é vivido com a *atitude natural*, é tomado como dado, não questionado – mas não inquestionável. Dúvidas podem surgir quando os indivíduos são confrontados com novas experiências e alguns dos conjuntos de saberes e significados prévios podem não ser suficientes para apreender o que está acontecendo. Para Schutz, a definição da realidade está ligada ao estado de atenção do sujeito ao momento, aos engajamentos pessoais, aos seus recortes feitos na *durée*, dependentes dos projetos de vida, da participação em grupos existenciais.

No caso dessas feministas, as mudanças de significado do sexo e do gênero não parecem ser questão de um olhar atento a um aspecto da vida de mulheres ou a outro. Há uma dimensão de horizontes estruturantes das interações sociais que não pode ser desconsiderada: enquadramentos primários (GOFFMAN, 1986, p. 21-39), relevantes na disputa entre elas – e para a compreensão da contenda.

Quadros primários são aqueles que permitem transformar em significativas experiências que seriam insignificantes. Eles são variáveis e manipuláveis e normalmente de difícil explicação verbal (GOFFMAN, 1986, p. 21). No caso das sociedades ocidentalizadas, para autor em questão, os esquemas primários são divididos entre naturais (desorientados, inanimados) e sociais (que dependem da vontade, do objetivo e do controle). Continuamente opera-se com esses enquadramentos, intercalados ou entrelaçados. Esses quadros são peças fundamentais para dar forma, para ter uma abordagem ou elaborar uma perspectiva sobre o que acontece, em período circunscrito de tempo, com e entre os elementos do mundo – pessoas, outros sujeitos e/ou objetos.

Os esquemas primários podem ser chamados de classificações primevas nas quais os sujeitos estão amarrados. Para o problema colocado pelas brigas entre feministas radicais e pessoas transgênero, é interessante perceber como os dois enquadramentos, natural e social, são importantes como categorias de pensamento e como modo de (re)fazer arranjos sociais. Os dois quadros são muito caros às cosmologias ocidentalizadas em duas articulações: seja para dizer que esses quadros são problemáticos, ou para mantê-los absolutamente excludentes.

Claro que esses tipos [trans] se baseiam em amedrontar mulheres porque nos odeiam. E estão mordidas de inveja porque nós temos o que elas querem desesperadamente mas nunca, nunca terão – a obsessão delas de uma vida toda – feminilidade [*womanhood*] natural. Esse é obviamente o motivo pelo qual não conseguem demonstrar compaixão e empatia às mulheres reais – eles pensam que ser mulher é espécie de doçura, enquanto nós nos entendemos através de uma vida de opressão que não é feita de bolinhos rosas, de pó encantado de fadas e de engolir a admiração sexual de nossos fãs ardentes (Comentário de Rose Verbena à postagem RadFem 2012: First Speakers Announced, 2012, tradução minha).

A permeabilidade entre as esferas natural e social é negada pelo comentário acima transcrito. Para Rose Verbena, apelido da comentadora acima, nenhuma auto-identificação de gênero conseguirá alcançar a essência que une todas as mulheres *reais* do mundo: o corpo de fêmea. Este estaria por trás da felicidade e das dores femininas e não seria *construído*. O *self* feminino, para Rose e para a maior parte das feministas que ali debateram, é pautado no que foi dado pela loteria da natureza e é invejado por pessoas que nunca o terão, já que seria impossível imitá-lo.

SOBRE VERDADEIRAS E FALSAS MULHERES (OU QUEM PODE SER MULHER NESSE MUNDO?)

'Mulheres que nasceram mulheres'. Que frase enganosamente simples. [...] mas essa frase não faz sentido. Ela também está errada. Digite a frase no Google e o primeiro resultado te levará à Wikipedia, que diz: termo inventado durante a segunda onda do feminismo para designar espaços para, de e sobre mulheres que foram identificadas como mulheres no nascimento, criadas como meninas e então escolheram viver como mulheres. Você poderia achar essa explicação clara

o suficiente, mas para mim ela imediatamente suscita a questão 'o que é ser mulher'? De uma perspectiva ideológica, eu penso sobre a famosa citação de Simone de Beauvoir [...] 'não se nasce mulher, torna-se mulher'. (Helen G. na postagem "Women Born Women", 2012).

Helen G. é autora do post "*Women born women?: as controversial conference restricts entry to 'women born women'*", publicado no dia 21 de maio de 2012, no *blog The F Word*¹⁵. Por meio de argumentação academicamente estruturada, o texto reage à ideia de absolutos biológicos como definidores do gênero. Para a autora, este deve ser pensado como "fluido e que pode ser modificado". A crítica às feministas radicais se encontra no reforço à formulação de que gêneros são socialmente construídos. As radicais, ao usarem o termo mulher para se referir somente a um sexo (e não gênero) ignorariam o quanto essas duas categorias são intercambiáveis e não podem ser tomadas como se fossem distintas. A problematização de Helen G está alinhada aos questionamentos de Butler:

Pareceu a muitos, eu acho, que para que o feminismo pudesse continuar como uma prática crítica, deveria fundamentar-se na especificidade sexuada do corpo feminino. Mesmo quando a categoria sexo é reescrita como gênero, o sexo ainda é presumido como o ponto irreduzível de partida para as várias construções culturais que têm vindo a suportar. E essa presunção da irreduzibilidade material do sexo parece ter baseado e autorizado epistemologias e ética feminista, bem como análises de gênero de vários tipos. Em vez de ensaiar as dificuldades teóricas que emergem presumindo a noção de sujeito como premissa fundamental ou tentando manter uma distinção estável entre sexo e gênero, gostaria de levantar a questão de saber se o recurso à matéria e à materialidade do sexo é necessário para estabelecer a especificidade irreduzível em que se diz ancorada a prática feminista (BUTLER, 1993, p. 28-29).

A arbitrariedade da separação entre sexo-gênero-sexualidade – assim como sua união – funciona como ferramenta para complexificar o debate. Se os órgãos sexuais e a capacidade reprodutiva da espécie fossem primordiais para uma *mulher ser uma mulher*, como poderiam ser classificadas aquelas que passaram

15 Ver a postagem neste link: <http://www.thefword.org.uk/features/2012/05/women_born_women>.

por histerectomias? Ou das pessoas intersexuais¹⁶? Falar de mulheres que nascem mulheres seria, então, “uma construção ideológica [...] que tacitamente reconhece a natureza construída do gênero e ainda assim procura remover a agência e a mudança, assim como negar a nós autonomia corporal” (Helen G., na postagem “Women Born Women”, 2012). Criar uma definição indisputável sobre o feminino por meio de úteros, ovários ou mesmo aspectos inobserváveis cromossômicos é inviável quando a biologia é, em si, instável.

Em 22 de maio de 2012, Julian Norman postou *Legalities of excluding trans women from women only spaces*, texto em que questiona como poderiam ser criados espaços para mulheres assim nascidas quando as legislações e políticas inglesas caminhavam no sentido contrário, do reconhecimento de gêneros experienciados na intimidade e auto-atribuídos. Desde 2004, as leis inglesas procuram reduzir discriminações contra pessoas trans¹⁷, especialmente nos serviços públicos, por meio da obrigatoriedade de atendê-los como participantes do gênero informado pelo pertencer e não pelo nascer.

Então, como poderia alguém desempenhar o papel de “*porteiro do gênero*” em um evento para mulheres? A sequência argumentativa das postagens no *blog The F Word* sobre a questão parece identificar as feministas radicais como retrógradas. Os ataques se encontram na fronteira entre a intelectualidade e o afeto. Entre o reconhecimento da importância do feminismo e da tristeza consequente dos argumentos biologizantes. Para Julian Norman,

Iplociar o gênero uns dos outros e a feminilidade é a antítese do feminismo. No espaço feminista, quero ser tomada por quem eu sou em meus próprios termos, obrigada. [...] As feministas mais do que ninguém deveriam saber que ser mulher não é sobre os papéis de gênero

16 Intersexo é o termo utilizado para compreender pessoas “que possuem estruturas sexuais consideradas ambíguas”. Ver mais em: SILVA, Raquel Lima e Oliveira. Os limites da identidade e da corporalidade no manejo dos quadros de intersexo. Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 07: Corpo, biotecnologia e subjetividade. Caxambú, 2011.

socialmente construídos. E não se trata de um útero ou menstruação ou até mesmo a ausência de um cromossomo Y, porque muitas mulheres não têm um útero, não menstruam e algumas mulheres têm um cromossomo Y (XXY é apenas uma das muitas configurações possíveis.) Se “mulher” pode (ou deve) ser definido, é pelo gênero subconsciente, pela sua parte de sua identidade que sabe quem você é e ainda assim saberia se você fosse um cérebro em um frasco. Isso não pode ser policiado (Julian, na postagem *Legalities of excluding trans women from women only spaces*, 2012).

A escritora do *post* parece acreditar que o pertencimento de gênero não pode ser explicado via sociedade ou biologia. Seria algo pertencente à subjetividade individual, anterior às marcas da cultura ou do orgânico. Não haveria algo acima das pessoas a impor-lhes papéis ou qualquer coisa contagiosa, nem a ser imitada e invejada. Julian não utiliza o termo psicanalítico *inconsciente*, mas subconsciente, o que talvez se assemelhe ao conceito de latência, presente nas definições freudianas como pré-consciência. O feminino seria similar à uma pulsão sexual original, energia a ser satisfeita e que não se dá nas estruturas da consciência (FREUD, 1996) – embora chegue até elas. Com isso, a autora procura invalidar os argumentos de que os órgãos reprodutivos sejam determinantes da condição feminina (e masculina, por tabela).

Entretanto, não é possível desprezar que a existência de um outro (separado de ego) seja essencial para a formação do próprio ego. A psicanálise freudiana tinha como proposta definir a posição do sujeito no e para o mundo, e para si. Sigmund Freud, em *O Ego e o Id* (1996, p. 12-39), afirma que ego contém sua história de escolhas objetivas por meio da identificação. Esta significa a substituição de um objeto e a aglutinação deste. Desde a identificação original, com o pai ou com a mãe, ego deseja ser como e, depois, tomar o lugar de. Ao mesmo tempo, a origem do superego está na repressão dos instintos, e representa o conjunto de repressões e censuras com os quais ego lida – idealiza, aspira e nega.

Logo, o psiquismo constitui-se na relação com o outro e só há subjetivação na cultura porque a estrutura psíquica se dá nas relações (com a mãe, com o pai, com o mundo exterior). A

inserção do sujeito na sociedade é conflituosa, mas essencial. Olhar por essa perspectiva dificulta aceitar plenamente o gênero como anterior à cultura, afinal, os “instintos libidinais sofrem a vicissitude da repressão patogênica se entram em conflito com as ideias culturais” (FREUD, 1987, p. 110) .

Para rejeitar as explicações naturalistas e da imitação – como fez a Psicanálise – Julian não necessitava recair no mesmo erro: criar uma explanação essencialista. Se uma linha psicanalítica de pensamento for levada à sério, introjetar algo visto como exterior ao ego é inerente à vida psíquica e a discussão sobre original e cópia se complica. Pois um ego uno não existiria; todos somos produtos de variadas e conflituosas identificações, produtos de ambivalências: sempre haverá alteridade no sujeito – qualquer que seja.

Meu maior problema com o termo ‘mulher nascida mulher’ é que realmente inclui mulheres trans. Não pretendo ser especialista, mas todas as minhas amigas trans com as quais conversei sobre isso foram bastante francas ao afirmar que nasceram com o gênero para o qual transitaram. Mas mulheres trans não são homens e já por esse ponto eu acredito que a conferência esteja errada em excluí-las (Clare em comentário à postagem *Legalities of excluding trans women from women only spaces*, 2012).

O excerto acima faz parte do comentário de Clare ao *post* de Julian. Ao longo de seu breve texto, ela diz ser simpatizante da criação de espaços exclusivos para mulheres, seja porque vítimas de abuso e violência precisam sentir segurança, seja porque algumas especificidades só podem ser debatidas por certas pessoas. Porém, Clare recusa que somente mulheres com útero tenham nascido mulheres, suscitando um novo enquadramento para o que significa *nascer mulher*. As experiências emocionais de pessoas trans³ são postas em um patamar acima da biologia. Retraçar as biografias sentimentais se torna chave para compreender o que é nascer, pensar a si e viver como mulher.

Não é metade da nossa briga que todas as pessoas possam ser capazes de viver suas vidas como escolheram independentemente do que tiverem em suas calças? (Clare em comentário à postagem *Legalities of excluding trans women from women only space*, 2012)

Se você fosse XY, XXY ou outra combinação, na minha opinião não importaria. Você diz que é uma mulher e eu acredito. Não, não está totalmente certo: eu "sei" que você é uma mulher baseada nas suas afirmações (Zoe em comentário à postagem *Legalities of excluding trans women from women only spaces*, 2012, grifo da autora).

Por outro lado, as duas parecem se indignar com o fato de algumas feministas desejarem decidir quem pode e quem não pode fazer parte do universo feminino. Talvez porque o feminismo inspira vontade de dar explicações mais adequadas sobre vidas que *valem a pena viver*, e questionar como e porquê (muitas) pessoas precisam pagar o alto preço das privações e dos sofrimentos. A empatia com mulheres trans* deveria estar acima de qualquer imaginada ou real diferença biológica.

Vê a questão? Você poderia ter sido trans. Se você tivesse nascido intersexo e tivesse o sexo feminino cirurgicamente atribuído depois do nascimento sem seus pais te informarem, você na verdade seria trans sem saber. Difícil, mas possível. [...] isso não mudaria sua feminilidade, mudaria? (Julian, em comentário à sua própria postagem *Legalities of excluding trans women from women only spaces*, 2012).

A oposição às feministas radicais ganha um complicador. Como elas definiriam quem é e quem não é uma mulher assim nascida pelo *olhar*? Como uma mulher após passar por todos os procedimentos do processo transexualizador, inclusive *mudança de sexo* e modificação no registro civil poderia ser barrada de tal evento? Falar quem *parece* ser mulher soa arbitrário e conformado com o "patriarcado" (comentário de Sian Norris à postagem *Legalities of excluding trans women from women only spaces*, 2012).

Os comentários adicionam mais um problema à tentativa de separar mulheres [*females*] de mulheres [*gender*]. Os procedimentos tecnológicos das disciplinas biomédicas e as capacidades técnicas cirúrgicas são impulsionadores de novos discursos, novos desejos e novos corpos. Os exemplos são as cirurgias de transgenitalização (criação de *neo-falos* e *neo-vaginas*) e demais procedimentos transexualizadores (implantação de próteses de silicone/retirada das mamas, tratamentos hormonais para desenvolvimento de caracteres sexuais secundários).

A cirurgia de transgenitalização é o ápice da transformação corporal de uma pessoa trans* – o que não significa que sempre seja desejada. É interessante perceber a dupla face das tecnologias. Elas não só criam mudanças-oportunidades para a transformação de significados, mas constroem corpos diferentes do que se conhecia. O próprio corpo – material, anatômico – é redesenhado a partir da inovação tecnológica. A (re)produção técnica de um corpo considerado *original* aqui atinge a perfeição. Quem poderá definir semelhanças e diferenças serão os membros da equipe médica e não as feministas radicais. A memória inscrita no corpo não estará acessível publicamente, então quem poderá recusar o pertencimento daquelas que fizeram a transição ao sexo feminino?

A técnica da reprodução, assim podemos formular, separa aquilo que foi reproduzido e o âmbito da tradição. Ao multiplicar a reprodução, ela substitui a existência única por uma existência serial. E, na medida em que a reprodução permite que o receptor tenha acesso à obra em qualquer circunstância, ela a atualiza. (BENJAMIN, 2012, p. 13)

Walter Benjamin exprime sentimentos contraditórios no que toca a obra de arte e a reprodutibilidade técnica. Se por um lado, politiza e afirma a reprodutibilidade como forma de romper com o passado, por vezes parece ressentir-se da perda do traço da arte com sua essência, dada pelo ritual de criação artística. As feministas radicais parecem buscar a autenticidade de uma experiência feminina em duas dobradiças: no nascimento sexuado e nas opressões daí emergentes, diretamente vinculadas ao sexo. Quando o processo transexualizador é colocado sob os holofotes, como se retraçaria um valor único, original, em um corpo que faz perder suas conexões com seu nascimento?

O processo transexualizador não parece poder ser compreendido como produtor de uma cópia estéril de algo que pré-existia no mundo, e sim gestante do novo, do que é e não é, ao mesmo tempo: é materialidade biológica, fruto da combinação entre artifício e natureza, produzida por mãos humanas. A cirurgia e os demais procedimentos transexualizadores (re)produzem técnica e tecnologicamente os corpos, atualizando-os. Um saber/

poder científico se potencializa a tal ponto que rompe com a possibilidade de traçar limites muito precisos entre o que seria verdadeiro e o que não. O corpo trans⁵ se torna a história de um conhecimento e, simultaneamente, a extinção da marca de seu próprio passado.

Se aceitarmos que mulheres trans têm mocidade feminina (*girlhood*) ou que 'sempre foram mulheres' então simplesmente aceitamos outra forma de essencialismo estratégico – diferente daquele argumento biológico e a continuidade de argumentos na luta política. Todas as mulheres 'se tornam' mulheres, mas mulheres trans teriam sido garotos ou homens em uma parte de suas vidas e como tais teriam participado da classe dominante patriarcal mesmo que não se encaixassem ou não se sentissem bem. Penso que essa é a analogia política mais próxima que tenho sobre essa questão radical. Movimentos de pessoas com deficiência, com lesões desde o nascimento (ou muito próximas do nascimento) e pessoas que foram lesionadas na vida adulta. Essas pessoas têm experiências muito distintas da deficiência no que se refere à educação, à autonomia, aos cuidados domésticos, ao meio ambiente etc. (Helen G, no *post Women born women? As a controversial conference restricts entry to 'women born women'*, Helen G analyses this phrase, 2012⁷).

Muitas questões estão colocadas: ser mulher pode não depender de um corpo específico de nascimento, mas este não pode ser deixado de lado: as práticas corporais, a memória corporal e o poder político se desenvolvem na corporificação (*lembodiment*) (STOLLER, 1994, p. 637). Isso se demonstra quando percebe-se que as intervenções técnicas e tecnológicas funcionam dialeticamente. Elas contêm a capacidade de implodir com a ideia de sexo original e determinante, e também podem reforçar a necessidade de se ter um sexo real e inquestionável. A centralidade de um corpo específico retorna ao centro e o jogo entre tradição e ruptura se concretiza em uma espiral. Vai e volta, trazendo novos elementos a cada retorno. Sexo importa e não importa.

17 A postagem está disponível em: http://www.thefword.org.uk/features/2012/05/women_born_women. Acesso em: 12 out. 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo incitou a dar atenção aos corpos e aos sentimentos, a como as pessoas lidam com a materialidade de si. Instigou a compreender como ética, política e corporificação fazem parte de uma mesma linha e não estão contrapostos ao pensamento. Como as dores e os prazeres são frutos de nossos encontros com os Outros. Ser feminista é ter em perspectiva que o ponto de vista corporificado não deve ser um desqualificador, mas uma forma legítima de conhecer. É nos darmos conta da nossa herança e das nossas marcas (HARAWAY, 1995).

Uma das grandes críticas feministas reside em dizer que não estamos todos no mesmo caldeirão. Ao contrário, as posições são distintas e devem ser levadas em consideração para qualquer estudo, pesquisa, ação política. Abraçar o feminismo é abrir-se aos mundos possíveis, em que as relações por nós povoadas possam nos atravessar sem causar (tantos) danos. Sob a égide respeito, feminismo e Antropologia ganham quando valorizam *saberes localizados* sem se deixarem levar pelo fantasma do relativismo do *tudo pode*.

É no firmar um compromisso com mundos formado por interlocutores e não pares homólogos, que só podemos apreender em partes: “a produção de uma teoria universal, totalizante, é um grande equívoco, que deixa de apreender – provavelmente sempre, mas certamente agora – a maior parte da realidade” (HARAWAY, 2000, p. 108). A análise e a síntese são aquelas que não estão e estão em parte: não podem ser esterilizadas.

A parcialidade não significa que não devamos ter o ânimo para preencher os espaços vazios (relações entre pessoas, lacunas da história, incompreensões linguísticas). Buscar esquecimentos e trazê-los à tona requer cuidado. Em suma, demanda pedir licença. Fazer conexões parciais significa dizer de onde estamos enxergando, qual é a nossa posição e, especialmente, o que não compartilhamos. É ter consciência de onde nos situamos em termos dos conhecimentos que produzimos nos encontros com os conhecimentos que Outros produzem.

Entretanto, essa é uma posição feminista. Como tentei demonstrar ao longo do artigo, essas premissas estão em constante mutação. As dissonâncias demonstram o quanto o corpo é importante para as Ciências Sociais: a complexidade dos sistemas sociais é imperceptível em grande escala e a realidade é mutável porque operada por pessoas palpáveis. As disputas entre os feminismos indicam que não há consenso sobre as experiências desses corpos marcados. Não há, igualmente, um irreduzível consensual em que se funda o *gênero* e que permita afirmar a existência de um único tipo de mulheres. Os grandes sistemas macrossociais, como organização social, economia, política, só existem porque sujeitos reais os fazem.

No passado, me sentia muito desconfortável perto de caras, sim... Histórico de abuso sexual. De qualquer modo, um dia eu estava me sentindo desconfortável – com medo –, foi uma reação que tive aos hormônios e cheiros masculinos. Isso me derrubou (fiquei intimidada, silenciada etc.). Olhando em volta, eu não podia ver nenhum cara, então eu estava meio confusa. Era uma mulher trans sentada perto de mim, no começo de sua transição. Eu a reconheço como mulher, reconheço também que minha reação química foi irracional. Meu corpo senti-la como macho não faz de mim uma pessoa terrível (Rose em comentário à postagem *Legalities of excluding trans women from women only spaces*, 2012).

Se a mimese (essa discussão sobre original e cópia) tem uma história (TAUSSIG, 1993), o feminismo também tem. E esta se entrelaça, neste momento, com os fenômenos miméticos, na relação entre eles e a ideia de verdade, originalidade ou realidade primeira. As feministas – independente de sua filiação – estão afirmando que lidar com o mundo é um processo sensorial, que se dá pelo contato, se não com os sujeitos e objetos em si, ao menos com seus contos, relatos e memórias. E a sensorialidade, o sentir no e com o corpo, modela o real.

A vida social é feita por corpos e estes não são textos ou discursos: são sons, cheiros, texturas, movimentos; o corpo é a memória na carne (STOLLER, 1995; 2009). Por isso é tão difícil tomar partido no debate apresentado: todas essas pessoas experimentam, sentem, sofrem corporalmente, de modos distintos. Medo de estupro, mutilações corporais, falta de controle sobre

os processos orgânicos, violências são reais, embora possam ser vivenciadas diferenciadamente. Ambos os grupos carregam em seus corpos suores e traumas que não são individuais, e sim compartilhados. Essas marcas estão além das palavras – mesmo que possam ser expressadas por meio delas. São fantasmas que assombram as memórias coletivas (STOLLER, 1994).

Por fim: a(s) história(s) das mulheres nascidas mulheres, das mulheres trans* e dos feminismos está sendo reconstruída continuamente. Não (só) nos espaços acadêmicos, nos movimentos sociais organizados, nas burocracias de Estado ou *dentro* das conferências feministas. Ela é guia e é guiada pelas interações sociais cotidianas que desafiam a fundação de nossos seres no mundo e de nosso senso de *nós*. O cotidiano é o lugar de construir e de apreender classificações. Os encontros no dia a dia vão definindo espaços – e corpos – que são e não são, simultaneamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Benjamin e a Obra de Arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- BENTO, Berenice. Transexuais, Corpos e Próteses. Brasília. *Labrys Estudos Feministas*, n. 4. Departamento de História, Universidade de Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.tanianavarrosowain.com.br/labrys/labrys4/textos/berenice1.htm>. Acesso em 12/10/2014
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1914, 1923] 1996.
- _____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. [1914] Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, [1914] 1987.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis*. Nova York: Harper & Row, 1986.
- JESUS, Jaqueline Gomes. *Guia Técnico sobre Pessoas Transexuais, Transvestis e demais Transgêneros para Formadores de Opinião*. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Campinas. *Cadernos Pagu*, n. 5, 1995.

_____. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminisno-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, T.; TADEU, T. (org). *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Florianópolis. *Revista Estudos Feministas*. v. 8, n. 2, CFH/CCE/UFSC, 2000.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria *queer* e a Reinvenção do corpo. Campinas. *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 469-477, 2006.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) Mulher? Campinas, IFICH/Unicamp. *Cadernos Pagu*, n. 48, p. 7-42, nov. 2002. Textos Didáticos. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/Adriana01.pdf>>. Acesso em: 01/02/2013.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Organização e Introdução de Helmut R. Wagner. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses: Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989.

SILVA, Raquel Lima e Oliveira. Os limites da identidade e da corporalidade no manejo dos quadros de intersexo. *Anais...* In: 32º Encontro Anual da ANPOCS. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 07: Corpo, biotecnologia e subjetividade. Caxambú, 2011.

STOLLER, Paul. Embodying Colonial Memories. In: *American Anthropologist*, v. 96, n. 3, American Anthropological Association, 1994.

_____. *Embodying Colonial Memories: spirit possession, power, and the Hauka in West Africa*. New York: Routledge, 1995.

_____. *The Power of the Between: an anthropological Odyssey*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses*. New York: Routledge, 1993.

RESUMO

Em maio de 2012, foi anunciada uma conferência feminista chamada RadFem 2012. De acordo com o jornal britânico The Guardian, o anúncio

continha a informação de que o evento era “restrito para mulheres nascidas mulheres e vivendo como mulheres”. Em seguida, diversos vídeos, textos e comentários de mulheres trans* apareceram na internet em contraposição a tal convenção. Este artigo tem como objetivo analisar como os fenômenos trans* têm desafiado os feminismos e como este debate tem ligação estreita com a discussão sobre mimese.

Palavras-chave: Feminismo radical, Transfeminismo, Corporalidades.

ABSTRACT | WHO CAN DEFINE ORIGINAL AND COPY? ON BEING A WOMAN IN THE DEBATES BETWEEN RADICAL FEMINISTS AND TRANSFEMINISTAS IN 2012.

In May 2012, a feminist conference RadFem 2012 was announced. According to the British newspaper The Guardian, the advertising containing information about the event said that it was “restricted to women born and living as women”. Thereafter, several videos, texts and commentaries of trans* women appeared in internet opposing to that convention. This article aims to analyze how trans* phenomena is challenging feminist perspectives and how this debate has close connection to mimesis discussion.

Keywords: Radical feminism, Transfeminism, Corporalities.

RESUMEN | ¿QUIÉN PUEDE DEFINIR LOS CRITERIOS DE COPIA Y ORIGINAL? EL SER MUJER EN LOS DEBATES ENTRE FEMINISTAS RADICALES Y TRANSFEMINISTAS EN 2012

En mayo de 2012, una conferencia llamada RadFem feminista fue anunciada. Según el periódico británico The Guardian, el anuncio traía la información de que el evento se “limitaría a las mujeres que nacieron mujeres y viven como mujeres”. Luego después, varios videos, textos y comentarios de mujeres trans* aparecieron en Internet en oposición a esa convención. Este artículo tiene como objetivo analizar cómo los fenómenos trans* desafían al feminismo y cómo este debate tiene estrechos vínculos con la discusión de la mimesis .

Palabras clave: Feminismo radical, Transfeminismo, Corporeidad.